

## REFLEXÕES SOBRE A NOVA ORDEM MUNDIAL

Arthur José Almeida Diniz

Prof. da Faculdade de Direito da UFMG

A simples menção do tema “a nova ordem mundial” já excita a curiosidade de todas as pessoas, mesmo fora de nosso universo acadêmico. O simples cidadão nas ruas se interessa, sente que existe no ar alguma coisa nova. Convencionou-se denominar a “nova ordem mundial”. Existirá mesmo uma nova ordem mundial? Caso exista uma nova ordem mundial qual a situação do Brasil? Como nos inserimos neste novo conteúdo mundial? Um professor francês proporia o estudo “de l’enjeu mondial”. Entretanto, *caveat emptor*, que se precavenha o comprador desta idéia de novidade. Indiscutivelmente algo está se passando no cenário internacional. A História, com H maiúsculo, está piscando o olho e nos promete muito mais novidades. Todos nós, sem sermos especialistas de política internacional, assistimos, com imenso espanto acontecimentos jamais previstos: a política russa de mudanças jamais pensadas, a queda do muro de Berlin e a reunificação da Alemanha. Estes três acontecimentos nos inserem num contexto inteiramente novo. Estamos vivendo tremendas mudanças e ainda não percebemos o impacto destas mudanças em seu prolongamento, em seu desdobramento em nossas vidas cotidianas. Paralelamente ao universo político, assistimos uma revolução tecnológica cuja amplitude mal podemos avaliar. Já se discute seriamente a proposta de viagens interestelares. A ficção científica, não mais considerada ficção mas uma aventura científica antecipada, já nos joga em um redemoinho: as viagens no tempo podem sair da tela para vida real. A revolução na nova física a mecânica quântica –, ao contrário dos postulados da velha física, diz-nos ser impossível observar a realidade sem modificá-la. O velho conceito da objetividade científica se assentava na superposição de um mundo externo, um “lá fora” em oposição a um EU que está aqui dentro. A tarefa do cientista era a de observar o “lá fora” tão objetivamente quanto possível. Este problema

passou despercebido “durante três séculos” na opinião do autor da “Dança dos Mestre Wu Li”, Gary Zukav. Para ele, “se obervarmos um experimento sobre a colisão de uma determinada partícula, não só não tivemos meios de provar que o resultado teria sido o mesmo se não tivéssemos olhado o experimento, senão que tudo quanto sabemos indica que não teria sido o mesmo, porque o resultado obtido foi afetado pelo fato de termos olhado o experimento.” As conseqüências dessas idéias novas e já em plena efervescência na nova física, na mecânica quântica, vão causar um impacto tremendo nas ciências humanas, principalmente na Psicologia profunda e na veneranda filosofia clássica. Estas conseqüências afetam a própria localização da nova física. Para Zukav, a física se constitui num ramo da psicologia, ou inversamente, a psicologia se converte em uma parte da física. O físico Wolfgang Pauli, ganhador do Prêmio Nobel e amigo de Carl Gustav Jung expressa estas realidades da seguinte maneira: “De um centro interno a psique parece mover-se para fora, no sentido de uma extroversão para o mundo físico”. A conclusão natural, que julgamos muito bem descrita por Zukav é a de que se esses homens estão certos, a física é o estudo da estrutura da consciência. Mas, ainda falta anunciarmos um terceiro componente desta nova ordem mundial. Trata-se da espinhosa questão dos Direitos Humanos, atualmente em franco desenvolvimento e também sofrendo uma revolução em seus postulados clássicos. A obra clássica do Prof. Antônio Augusto Cançado Trindade, **A proteção internacional dos Direitos Humanos** vai nos anunciar um **postulado** revolucionário pelo que nos oferece de possibilidades de uma proteção efetiva dos Direitos Humanos. Para o Prof. Cançado Trindade, “nos dias de hoje não há com se sustentar que a proteção dos direitos humanos recairia sob o chamado “domínio reservado do Estado”, como pretendiam certos círculos há cerca de três ou quatro décadas atrás.”<sup>4</sup>. Vemos que ao colocar “três ou quatro décadas atrás”, o professor já nos oferece um dado importante: a mudança radical desta ótica de proteção dos direitos humanos. Outra novidade importantíssima apontada pelo ilustre professor: “o direito de PETIÇÃO INDIVIDUAL, pelo qual um particular — distintamente da proteção diplomática — vê-se capacitado a interpor uma reclamação perante um órgão internacional mesmo contra o seu próprio Estado, juntamente com a noção de garantia coletiva (mais realçada nas petições interestatais) constituem dois dos traços mais marcantes do novo sistema internacional dos direitos humanos.”<sup>7</sup> Ao lado destes aspectos positivos, convém mencionar uma tendência sinistra nesta NOVA ORDEM MUNDIAL que já foi muito bem detectada na obra do internacionalista, o professor Celso D. de Albuquerque Mello, em sua última edição do **Curso de Direito Internacional Público**. Adverte-nos mestre Celso Mello que: “Vivemos em uma época histórica sem esperança. Aprendemos que Deus é brasileiro. Caminhamos do terceiro para o quarto do mundo. O

governo tenta estabelecer a lei selvagem do mercado em que apenas os ricos sobrevivem. Nas relações internacionais de um mundo pluralista surge uma nova forma de legitimidade: o bárbaro e impiedoso liberal-capitalismo selvagem.” Acolhemos, em parte, a visão do ilustre mestre. Discordamos, apenas, no tocante a falta de esperança da nossa época histórica. Exatamente dessa desordem aparente é que já podemos divisar aurora dos tremendos acontecimentos que mudarão o rumo de nossa civilização. E aqui podemos começar a examinar os antecedentes dessa nova ordem.

Assistimos ao esgotamento do “ciclo das navegações”. Por ciclo das navegações deve ser compreendida a era dos grandes descobrimentos, a partir de 1498, como a viagem de Vasco da Gama 1469-1524 às Índias. Até então, Europa e Ásia viviam certa igualdade em termos bélicos. Alguma diferença penderia para o lado asiático, repositário de maravilhas de desenvolvimento espiritual, sofisticada arte cerâmica, tocando às raias do maravilhoso na manipulação de farmacopéia. Todos estes aspectos se encontram inventariados na obra de Marco Polo (1254-1324) sobre suas **viagens**. Marco Pólo foi a leitura de Cristóvão Colombo (1451—1506). Jacques Austruy em sua obra *Le scandale du développement*, vai constatar que nada, durante a Idade Média nos oferece um idéia do surto de desenvolvimento que conhecerá o Ocidente. Esta mudança irá ocorrer de modo dramático, afetando a vida de milhões de seres humanos em outros continentes. O notável desenvolvimento tecnológico europeu, a partir do séc. XV vai possibilitar o acúmulo de riquezas jamais pensadas. Uma testemunha da época, Frei Bartolomeu de Las Casas (1474-1566) vai comparar as riquezas descobertas pelos navegantes espanhóis aos tesouros do rei Salomão, dizendo Frei Bartolomeu de Las Casa serem estes inferiores em opulência: “como o rei Salomão nem rei algum no mundo jamais viu nem ouviu, tão grande é a soma de ouro e de prata que das Índias se tirou”. Torna-se oportuno refletir que ainda vivemos os efeitos deste ciclo de cinco séculos de elaboração brutal. Os paradigmas de uma ciência mais do que suspeita, a ciência econômica, reproduzem um arquétipo do pensamento do antigo colonizador: a conquista do lucro. O lucro é o grande objetivo da economia. E a economia estuda, despudoradamente, a escassez. Trata-se de uma ciência da avareza das Nações. Ainda não se descobriu o “custo do Homem” na feliz expressão do grande economista François Perroux em sua obra clássica, **A Economia do Século Vinte**. Quando Karl Marx (1818-1883) vai falar na acumulação primitiva do capital, suas páginas são interessantes pois descrevem a ambição humana pelo dinheiro, pelo ouro, pela prata. Toda a história colonial se encontra analisada em sua obra. O ciclo das navegações é também analisado pelos teólogos. Como veremos mais adiante, existe um aliança curiosíssima entre o teólogo e o economista. Inicialmente, um julgamento de dois teólogos sobre o ciclo das navegações:

“No dia 12 de outubro de 1492 começou para a América Latina e para o Caribe a grande sexta-feira santa de paixão e de sangue, que continua até os dias de hoje, sem conhecer o domingo de ressurreição. Os relatos dominantes foram feitos a partir das caravelas que chegavam para conquistar e não partir das vítimas que estavam na praia e que sofreram a dominação.” (ELIZONDO, Virgil, BOFF, Leonardo. EDITORIAL A VOZ DAS VÍTIMAS: QUEM AS ESCUTARÁ? – CONCILIUM 1990, n. 6). Aqui, estamos examinando as origens da nova (velha) ordem mundial. E neste ano de 1992, estaremos também celebrando os cinco séculos de nascimento de Frei Francisco de Vitória (1492-1546) o grande defensor da liberdade dos povos americanos e crítico lúcido da execrável política colonial espanhola e portuguesa. Suas páginas das **Preleções Teológicas** possuem uma atualidade surpreendente. Falávamos, também, da curiosa aliança entre economistas e teólogos. Como podemos associar ciências tão diferentes? Dois teólogos, Franz Hinkelammert e Hugo Assman nos descrevem: “... Como a racionalidade econômica “seqüestrou” e funcionalizou aspectos essenciais do cristianismo; a religião econômica desencadeou um ingente processo de idolatria, que encontra sua expressão mais evidente na suposta auto-regulamentação dos mecanismos de mercado; essa idolatria econômica se alimenta de uma ideologia sacrificial que implica em constantes sacrifícios de vidas humanas.” (ASSMAN, h. HINKELAMMERT, F. **A Idolatria do Mercado**. São Paulo, Vozes, 1989, PROLOGO). Em 1968, em sua viagem pelo continente latino-americano, Nelson Rockefeller chamou a atenção especial para o perigo da recém-criada Teologia da Libertação. Le Monde Diplomatique, em reportagem publicada em 1969, no mês de maio, denunciava a solução simplíssima adotada pelos governos autoritários latino-americanos: eliminar fisicamente os sacerdotes “progressistas” e perseguir os participantes das comunidades religiosas. As estatísticas revelam um verdadeiro massacre e atingem os milhares de fiéis, padres e freiras sacrificados em toda a América Latina. Deste modo,, a partir deste famoso relatório ficou bem claro que “o mundo que ameaça o fiel crente é o mundo da política, não o mundo do mercado. O fiel pode participar ativamente do mundo do mercado sem nenhum perigo, ao passo que o mundo da política e do Estado, bem como o mundo das organizações populares constituem um perigo para ele... Surge assim um conservacionismo de massa, que é um movimento de massa anti-popular sumamente parecido com o que foram os movimentos fascistas dos anos vinte e trinta. São movimentos fortemente influenciados pela Igreja Eletrônica recentemente surgida..(99).

O comportamento do que podemos denominar de “o mundo negocial” reproduz perfeitamente os modelos da conquista espanhola na atualidade. A autoridade imperial de Carlos v (1500-1558) foi substituída pela autoridade

imperial dos grandes bancos internacionais. Tentar descrever a rede e as tramas desses bancos excederá de muito nossa capacidade de síntese, bem como demanda um conhecimento especializado. Valeria a pena, entretanto, pensarmos numa antropologia monetária. Convém comentar um aspecto curioso do comportamento deste mundo negocial. Seus arquétipos datam do século XV em diante, mas os métodos operacionais fazem uso da última palavra em informática. O universo mental dos grandes negócios pouco evoluiu em termos de motivações instintivas: ainda encontramos a ferocidade do tigre, a astúcia da pantera, a prudência das víboras, um universo zoológico disfarçado em cidadãos impecavelmente vestidos, puritanos, muitos pagando o dízimo de suas igrejas pontualmente, particularmente os membros da Igreja luterana. Esta é a realidade que podemos dizer, para nos utilizarmos de um termo empregado pela filosofia, fenomenológica. Tentando analisar o comportamento de líderes atuais do mundo dos negócios, das finanças, penetramos num capítulo da Psiquiatria forense. Analisando, entretanto, os atos, a praxis do *Businessworld*, vamos encontrar muitos com séculos de existência. O mito inicial de todas as relações econômicas internacionais, apesar do grito de alerta de um Direito do Meio Ambiente, é ainda o de um planeta dotado de recursos inesgotáveis. Como consequência natural, a fantasia do Eldorado. A possibilidade de se achar tesouros inesgotáveis, possibilidades de enriquecimento imediato. Este sonho foi vivido pelos conquistadores espanhóis. Já existe esta linguagem bem clara nos agentes do descobrimento, que precedem os da “conquista”, no dizer do teólogo Enrique Dussel: “No contrato de 17 de abril de 1492 a coroa expressava a Cristóvão Colombo, num texto em que este interveio para que não faltasse nenhuma de suas prerrogativas: Vossas Altezas, COMO SENHORES QUE SÃO DOS DITOS MARES E OCEANOS, façam desde agora ao dito D. Cristóvão Colombo... Que todas e quaisquer mercadorias quer sejam pérolas, pedras preciosas, ouro, prata, especiarias e quaisquer outras coisas e mercadorias de qualquer espécie, nome e maneira que sejam, que forem compradas, trocadas, encontradas, ganhas e que houver dentro dos limites do dito Almirantado.” (DUSSEL, Enrique. *As Motivações reais da conquista. Concilium*. Petrópolis, Vozes, 1990, n. 6: 40). O Eldorado era a busca da famosa Cipangu, descrita por Marco Pólo (1254-1324) motivação de inúmeras expedições de Cristóvão Colombo no interior do novo mundo. O próprio Walter Raleigh (1552-1618) buscou desesperadamente o Eldorado na Guyana por volta de 1595. Mas toda esta atividade tem como processo de legitimidade a própria teologia. A Igreja embarcou no sonho do Eldorado. Convém lembrarmos com Dussel que pelas “bulas pontifícias *Aeterni Regis* de 1455 para Portugal e *Inter Coetera* de 1493 para a Espanha... A Igreja ficou constituída como um momento INTERNO da estrutura do poder da Coroa: da – Cristandade das Índias – sob o controle

absoluto do Conselho das Índias. AS LEIS DOS REINOS DAS ÍNDIAS SÃO UM CÓDIGO ECLESIAÍSTICO E CIVIL AO MESMO TEMPO. A evangelização é um poder e responsabilidade da Monarquia, embora seja a igreja o agente direto da missão, da CONQUISTA ESPIRITUAL” (op. cit. P. 42) O mecanismo da justificativa de se evangelizar legítima a rapacidade dos conquistadores. Dussel nos fornece numa fórmula o mecanismo: “Sendo a religião o fundamento do Estado... A motivação religiosa da evangelização dos índios se tornava, como era de esperar, na JUSTIFICAÇÃO da conquista. Afinal, era o único argumento que se podia dar racionalmente. Desta maneira a empresa de dominação ficava fetichizada, o “Ouro das Índias” se transformava num “deus” como descreve Frei Domingo de Santo Thomás, futuro bispo de La Plata em primeiro de julho de 1550: “Há cerca de quatro anos, para acabar de perder-se esta terra, foi descoberta uma boca do inferno pela qual entra cada ano grande quantidade de gente, que a cobiça dos espanhóis sacrifica a seu deus, e é uma mina de prata que se chama Potosi.” Convém lembrarmos aqui do gênio de Karl Marx (1818-1883) que tratou claramente das inversões teológicas em sua teoria do fetichismo. O teólogo F. Hinkelammert vai esmiuçar pacientemente este trabalho de Marx. O que nos interessa falar sobre a conquista espanhola? Simplesmente porque os mecanismos da conquista colonial estão presentes, embora modificados pela novíssima revolução tecnológica, na nova ordem mundial.

A religião econômica do capitalismo serve-se de uma teologia subjacente. Mas, nunca nos esquecermos de que, “o genocídio e o massacre que começaram em 1942 não teriam sido possíveis sem uma teologia adequada. A violência histórica foi acompanhada pela violência teológica. Juan Ginés de Sepúlveda... Numa de suas obras: **Tratado de las Justas causas de la guerra contra los indios...** De 1545... Teólogo tremendamente lúcido e universal (diz claramente o que todos pensam e fazem). Diz Sepúlveda: “É justo e natural que os homens prudentes, probos e humanos dominem sobre os que não o são... Com perfeito direito os espanhóis imperam sobre estes bárbaros do Novo Mundo e ilhas adjacentes, os quais em prudência, engenho, virtude e humanidade são tão inferiores aos espanhóis como as crianças aos adultos e as mulheres aos varões... E quase diria entre macacos e homens. (Concilium, p. 61). João Paulo II, em sua visita ao Peru, recebeu uma carta aberta de vários movimentos indígenas, onde se dizia:

“Nós, índios dos Andes e da América, decidimos aproveitar a visita de João Paulo II para devolver-lhe sua Bíblia, porque em cinco séculos não nos deu nem amor, nem paz, nem justiça. Por favor, tome de novo sua Bíblia e devolva-a a nossos opressores, porque eles necessitam de seus preceitos morais mais do que nós. Porque desde a chegada de Cristóvão Colombo impôs-se à América, pela força, uma cultura, uma língua, uma religião e uns valo-

res que são próprios da Europa. A Bíblia chegou a nós como parte da mudança colonial imposta. Ela foi a arma ideológica deste assalto colonialista. A espada espanhola, que de noite se convertia na cruz que atacava a alma índia.” (Idem, p. 65) Na busca desesperada do lucro, demonstrada no genocídio da conquista espanhola, firma-se um dos postulados da teoria econômica: o valor, com total desprezo pelo trabalhador, isto é, o índio, o preto, o escravo. De maneira claríssima, concluem ASSMANN e KINKELAMMERT em sua obra *A Idolatria do Mercado*: “O trabalho como tal, uma vez que esteja executado, é completamente riscado da história e, conseqüentemente, anula-se também qualquer consideração necessária que diga respeito ao trabalhador, nos termos lógicos dessa teoria. O trabalho, uma vez executado, não tem nenhuma influência no futuro valor de qualquer artigo: este trabalho passou e está perdido para sempre, como sacrifício totalmente desvalorizado.” E mais adiante nos fazem chegar ao ponto crucial de nossa preleção: o “aspecto central da TEORIA SACRIFICIAL embutida na teoria econômica neoclássica”. Com isso querem os mesmos autores descreverem hoje, agora, em nossos dias a situação do SER HUMANO na moderna economia: “a desconsideração e inutilização total do esforço humano, no plano valorativo da economia... O suor do trabalhador só vale enquanto é necessário para produzir: uma vez que escorreram, o suor e o sangue não valem absolutamente nada. Ficaram apagados os últimos vestígios de qualquer semelhança possível entre o pobre trabalhador e o Pobre da Cruz. Então, por que pagá-lo? No fundo, segundo a lógica dessa teoria, não pelo que trabalhou, mas por duas outras razões: para que tenha alguns rendimentos e possa tornar-se consumidor”. De modo bastante claro aí está a estrutura da economia, saída diretamente das *encomiendas* coloniais. Falamos do mito do eldorado, que ainda continua presente nas relações econômicas internacionais. As aventuras da Serra Pelada, as jogadas da Serra dos Carajás, o fascinante mundo da Amazônia aí estão para reforçar o mito. Como coroamento, o fascínio do mercado. Hinkellamert chega a sugerir que se modifique a leitura do Salmo 23 para “O Mercado é meu Pastor, nada me pode faltar”. Essa moda brasileira das “privatizações” retrata com perfeição a devoção ao deus mercado. Falta, ainda, uma terceira pessoa da Santíssima Trindade: a mão invisível de Adam Smith. Esta mão está muito bem escondida nos grandes bancos de New York, Zurick, Londres, e, brevemente em Berlim, a capital da nova Alemanha reunificada. Convém aprofundarmos uma idéia do mercado do homem. *Le Monde Diplomatique* de dezembro de 1991 nos dá uma notícia bastante esclarecedora. Fazendo menção a um dos romances mais importantes para compreendermos o século vinte, o livro de George Orwell, 1984, já filmado, a revista *Time* realiza uma proeza. Há inúmeros projetos no Congresso Americano tentando limitar o acesso total sobre a vida de qualquer americano.

Trata-se de todos os fatos e gestos de milhões de seres humanos, até mesmo a compra de uma pizza com cartão de crédito, de todas as conversas no telefone, vida particular, classificados e expostos para venda. Time dá publicidade a uma proposta interessante do professor especialista em questões de vida privada (lembremo-nos da obra do Prof. Milton Fernandes, A PROTEÇÃO CIVIL DA INTIMIDADE), Gary T. MARX. Este professor Gary Marx propõe a criação de um “sistema de royalty” da pessoa cujos dados pessoais seriam colocados a venda, a saber: estado de saúde, hábitos alimentares, preferências sexuais, atitudes religiosas, vestuário, etc... Bem no estilo do “perfil do consumidor” publicado pelo **Jornal do Brasil**. Este sistema do professor sugere que a pessoa cuja intimidade tenha sido vendida receba, ela também, uma porcentagem dos lucros auferidos. Este exemplo se encaixa admiravelmente bem em nossa moderna economia de mercado, que traduz o aspecto mais importante desta Nova Ordem Mundial. O comentarista aduz como conclusão que “tudo tem seu preço”. E assim, arremata, Marx (Gary) dá razão, sem o saber às velhíssimas análises de um certo Marx (Karl) sobre as estruturas profundas de um sistema que endeusa o dinheiro. Mas, no caso em que o controle total dos indivíduos neste nosso fin-de siècle apresente alguns defeitos, outras soluções se acham à vista: Uma cadeia hoteleira americana (dois mil e setecentos hotéis espalhados no mundo) cuja direção criou um curso de formação intitulado: “Lições de administração extraídas da experiência militar americana”. Por ocasião da abertura do Curso em Nova Orleans foi convidado um orador de prestígio: O General Schwartzkopf, o “herói” da guerra do Golfo. Vemos, como comenta Le Monde Diplomatique, que a democracia está decididamente em marcha. O professor Emérito da Universidade de Paris, Jean Chesneaux, em seu artigo também do Monde Diplomatique (dezembro de 1991) seu artigo sobre “Triunfalismo europeu, rompimento planetário”: Foi em 1492 que a história da humanidade se tornou plenamente universal, mas ao preço da subordinação do resto do mundo a uma única das culturas que, até então, coexistiam em igualdade relativa... O futuro da Europa, após apurar-se a dúvida de Colombo, não estaria em se associar em um novo projeto mundial, fundado não mais em privilégios e exclusões, mas sobre as solidariedades face a tantos perigos planetários?” A nova ordem mundial significa uma tomada de consciência de nosso destino planetário comum, não por efeito de virtudes, mas pelo efeito salutar da Dor, esta grande mestra de todos nós. Entretanto, resta-nos examinar como podem ser pensadas alternativas. Antes, D. Joseph Huffner, autor da obra clássica Colonização e Evangelho (Presença, 1977) reflete: Se tivesse sido animado pelo espírito de Cristo, o anúncio da alegre nova evangélica, provavelmente, não teria sido arrastado a conflitos entre os indígenas. Automaticamente, apresenta-se o pensamento que o Evangelho apresentado com respeito à alma indígena sem

segundas intenções, teria encontrado alegre acolhida por esses povos profundamente religiosos, que sofriam sob o guante de suas religiões empapadas de sangue. E assim, a cultura indígena também teria sido enobrecida e elevada. Lamentavelmente, tudo iria acontecer de outro modo.” (HUFFNER, op. Cit.). Em 1991 aparece uma obra terrível de GLUCKSMANN, *L'onzième Commandement o Undécimo Mandamento*. Com ironia amarga vai nos declarar Glucksmann: “*Verdun, les plaines de Champagne, Guernica, les plages de Normandie, Stalingrad, Treblinka, Auschwitz, sont les hauts lieux où le vingtième siècle découvrit sa question métaphysique.*” E uma frase de tremenda atualidade: “*Encore quelques meurtres, disent-ils, et l’humanité sera saine et glorieuse. En éliminant l’Amérique, le juif ou le bourgeois, le salut, croientils, rachètera enfin le mal. Mauvaises forces,* reflete o autor. O Ocidente está efetivamente doente de mundialidade doentia, infecciona os homens pela evidência de tal vulnerabilidade que não existe nenhum para salvar o outro.” Terrível advertência, percepção, trágica. Nossa tarefa é a de lutar contra esse nevoeiro de morte. Antes de Johann Gottfried HERDER (1744-1803) desviar-se do bom caminho, MONTESQUIEU (1689-1755) mantinha cuidadosa distinção entre leis positivas e princípios universais da equidade. Mas Herder, em sua errância, pretendeu condenar um método sadio da *philolosophia perennis* que significa extrair as obras humanas de seu contexto, extraí-las do lugar onde foram produzidas e julgá-las segundo os critérios intemporais do Bem, da Verdade e do Belo. Herder insurge-se contra este erro milenar. Quer demonstrar que as próprias obras, possuindo uma gênese, não passam de simples fatos. Devolve o Bem, o Verdadeiro e o Belo para sua origem LOCAL, reduz tudo à insignificância da condição humana. É a redução audaciosa: Sócrates, um ateniense do quinto século antes de Cristo. A Bíblia, expressão poética, original e conjuntural da alma hebráica. E o golpe de misericórdia, descrito por Alain Finkielkraut: *Tout ce qui est divin est human, et tout ce qui est humain, même le LOGOS, appartient à l’histoire.*” (FINKIELKRAUT, Alain, *La défaite de la pensée Gallimard 1987*, p. 17. Estamos assim perfeitamente aptos a prestigiar os massacres na extinta Iugoslávia, achar a coisa mais natural do mundo o tráfico de órgãos de menores em nome de lucro para a livre iniciativa. Quando nossa Moral se desliga da noção de Transcendência, de seu parentesco Espiritual que é sua verdadeira origem, todos os absurdos deixam de ser absurdos para se integrarem num contexto perfeitamente explicável. Como explicar a um detetive da Baixada Fluminense que a produção diária de “presuntos” é atividade tanto ou mais criminosa quanto os criminosos que desejam eliminar? Mas, a nova ordem mundial nos reserva surpresas até mesmo no contexto teológico atual. É a histórica descoberta dos Manuscritos do Mar Morto, na Palestina, em 1947, por um pequeno pastor. Hoje, após estudos e querelas infundáveis, tes-

temunhamos um escândalo contemporâneo: o teólogo jesuíta espanhol, padre José O. Callaghan, há poucos dias, deu uma entrevista para nosso jornal local, o **Estado de Minas**, sobre estes manuscritos do Mar morto. Esta entrevista joga lenha na fogueira de uma luta surda entre os teólogos de várias correntes. O escândalo é que a Igreja Católica Romana adota uma posição doutrinária de ensino da Teologia cristã de base racionalista, opondo-se ferozmente à idéia – pasmem todos os senhores – da existência de um CRISTO HISTÓRICO. A TESE em vigência é a de que os evangelhos não tinham conexão com o Cristo histórico, já que no momento de sua redação já se havia perdido os rastros de Cristo. Entretanto, o manuscrito, melhor, o papiro 7Q5 joga por terra a teoria da Igreja de que o evangelho de São Marcos teria sido escrito no final do primeiro século, isto é, entre os anos 70 e 100, ou seja, 50-60 anos após a morte e ressurreição de Jesus. O material analisado pelo teólogo é anterior ao ano 68 e atesta que antes do ano 50 o Evangelho de Marcos já estava em circulação. Esta tese foi recusada por uma mentalidade racionalista vigente desde o século XVII de que os evangelhos são uma reconstrução tardia dos cristãos. O que se encontra em jogo é uma recusa inconsciente da imensa responsabilidade em se SER HUMANO, isto é, em se reconhecer detentor de direitos mas também com um imenso DEVER de se aceitar ser um ponto de intersecção entre dois planos” o plano material – a que todos nos aferramos por ser mais fácil, mais instintivo, e o ESPIRITUAL, fonte de imensas responsabilidades. Temos vergonha de nossa votação para o Infinito. De nossa percepção de uma realidade que jaz oculta, mas pressentida, em todos os atos de nossa vida individual, pessoal e intransferível. Apelamos para o ruído, para o barulho eletrônico, para uma civilização do espetáculo – tudo tem que nos DISTRAIR, ajudar-nos a fugir de um imenso vazio que nos horroriza. A preocupação pelo mundo das comunicações, longe de ser um compromisso de solidariedade é uma curiosidade estéril, fonte de um compromisso de solidariedade é uma curiosidade estéril, fonte de um se divertir diário. Resta-nos um consolo. Quando Napoleão invade a Europa, logo no início do século XIX, sua vitória era também uma vitória dos ideais da Revolução Francesa, que trazia no bojo de suas conquistas. Quando vemos uma falsa economia de mercado, decalcada numa confusa adoção de ideais do American Way of Life, temos uma esperança de que, no bojo deste poder representado por uma Pax Americana venha também, como no fenômeno napoleônico, os ideais que inspiraram uma revolução americana, uma revolução que funcionou, ao final do século XVIII, ao tentar viver os ideais da Democracia, segundo as tradições da filosofia do século XVIII, dos Iluministas e Philosophes franceses, grandes conhecedores dos clássicos gregos. E a réplica da estátua da Liberdade, na praça Tiananmen foi e continua sendo uma esperança.

A elite intelectual chinesa possui laços afetivos com a Universidade Americana.

Com fina intuição, Hannah Arendt em seu artigo publicado pela revista *Esprit* em julho de 1980 nos adverte: Porque, não importa a definição que for dada pelo historiador: o fim de uma época, de uma tradição ou de uma civilização inteira tudo isso constitui um novo começo para os que continuam vivendo” (*Compréhension et Politique*, julho de 1980: 66-79). A pensadora refere-se ao mundo que desaparece por ocasião da Primeira Guerra Mundial. Em sua obra clássica sobre o drama europeu, *Origens do Totalitarismo*. (Cia. das Letras, 1989), assim nos relata: “Ainda hoje é quase impossível descrever o que realmente aconteceu na Europa a 4 de agosto de 1914. Os dias que antecedem e os que se seguem à Primeira Guerra Mundial não são como o fim de um velho período e o começo de um novo, mas como a véspera de uma explosão e o dia seguinte (*the day after, agouram alguns*). Contudo, esta figura de retórica é tão inexata como todas as outras, porque a calma dolorosa que sobrevém à catástrofe perdura até hoje. A primeira explosão parece ter provocado uma reação em cadeia que, desde então, nos engolfou e que ninguém, tem o poder de estancar. A Primeira Guerra Mundial foi uma explosão que dilacerou irremediavelmente a comunidade dos países europeus, como nenhuma outra guerra havia feito antes. A inflação destruiu toda a classe de pequenos proprietários a ponto de não lhes deixar esperança de recuperação, o que nenhuma crise financeira havia feito antes de modo tão radical. O desemprego, quando veio, atingiu proporções fabulosas, sem se limitar às classes trabalhadoras mas alcançando nações inteiras, com poucas exceções. As guerras civis que sobrevieram e se alastraram durante os vinte anos de paz agitada não foram apenas mais cruéis e mais sangrentas do que as anteriores: foram seguidas pela migração de compactos grupos humanos que, ao contrário dos seus predecessores mais felizes, não eram bem-vindos e não podiam ser assimilados em parte alguma. Uma vez fora do país de origem, permaneciam sem lar; quando deixavam o seu Estado, tornavam-se apátridas; quando perdiam os seus direitos humanos, perdiam todos os direitos: eram o refugio da terra. Nada do que estava sendo feito, por mais incrível que fosse e por mais numerosos que fossem os homens que conheciam e previam as consequências, podia ser desfeito ou evitado. Cada evento era definitivo como um julgamento final, um julgamento que não era passado nem por Deus nem pelo diabo, mas que parecia a expressão de alguma fatalidade irremediavelmente absurda... Nada talvez ilustre melhor a desintegração geral da vida política do que esse ódio universal vago e difuso de todos e de tudo, sem um foco que lhe atraísse a atenção apaixonada, sem ninguém que possa ser responsabilizado pelo estado de coisas – nem governos, nem burguesia, nem potência estrangeira.” Felizmente, podemos captar os sinais de

um novo humanismo. Novo começo para os que “continuam vivendo” na expressão de Hannah Arendt. De repente, temos acesso ao acervo filosófico de toda a humanidade. As fontes, as possibilidades de comunicação, enfim, todos os centros de saber do Planeta constituem um fenômeno histórico inédito. Nunca o legado do pensamento humano foi tão acessível a tantos. Teilhard de Chardin nos descreve a condição humana em nossos dias: “Outrora os tesouros da humanidade estavam localizados em uma biblioteca ou em um império. Bastava um incêndio ou uma derrota para aniquilá-los. Ei-los agora difundidos por toda a extensão do Orbe terreno. Qual cataclisma, a não ser a própria destruição do nosso planeta, lhes poderá ameaçar? Em suma, ao se generalizar perante a totalidade dos povos, a mim me parece ter a civilização atingido um ponto crítico donde emerge invulnerável aos ataques que fizeram sucumbir o Egito, Roma e Atenas. Como se fora gigantesca nau a romper com facilidade os mares onde socobram galeras... O que é simplesmente nacional pode desaparecer: o que é humano não poderá falhar.” (*Science et Christ*. Le Seuil, 1955:172). Nossa busca se expande e percebemos que Teilhard de Chardin lançou as bases de um novo humanismo. Sua visão nos sugere sempre a transcendência do Ser humano, superando-se continuamente, caminhando para o encontro com a Consciência cósmica e sua realidade existencial, superando limitações nacionais, religiosas, culturais, raciais e, por que não? Planetárias. Meditemos com Karl Jaspers a palavra HUMANISMO: “a palavra humanismo tem diversos sentidos. Por um lado designa um IDEAL DE CULTURA, que implica na assimilação da tradição clássica por outros, a RECRIAÇÃO do homem de hoje a partir de sua origem: finalmente, O SENTIDO DO HUMANO, que permite que em cada homem reconheçamos a humana dignidade. (Para um novo humanismo. Lisboa, 1950:179) Nosso esforço atual deve ser dirigido para o Encontro. Impossível conflitemos ciência e espiritualidade. Esta norteia o sentido das pesquisas científicas como a estrela Polar a toda dos navegantes pioneiros. Mestre Rubens Romanelli em sua magnífica obra **O Primado do Espírito**, (Edições UFMG, 1965) já nos advertia: “Infelizmente, porém, esse mesmo homem que logrou vencer, pela aplicação de sua vontade e pelo exercício de sua inteligência, as hostilidades do ambiente físico, ainda se revela incapaz de reagir às influências profundamente mais nocivas do ambiente moral. Essa incapacidade fez do criador da máquina uma vítima indefesa de sua própria criação. A máquina, maravilha de seu engenho inventivo, objetivação de sua vontade de tornar menos penosa a vida, é, paradoxalmente, o que mais há contribuído para torná-la ainda mais insuportável.”

*Tempus fugit*: para tentarmos sintetizar em brevíssimas idéias a nova ordem mundial: ela começa no dia 14 de agosto de 1945, às 10 horas da manhã, em Hiroshima e Nagasaki. Nós, seres humanos, perdemos nossa inocên-

cia e renteamos o abismo do auto-extermínio. Para compreendermos o que se passa na complexidade do mundo das idéias, lembremo-nos sempre de que três leituras se tornam indispensáveis para a compreensão de nosso universo mental contemporâneo: Inicialmente, Kant (1724-1804) – sua obra é o grito de angústia pela descoberta da infinitude do Saber! Conhecemos superficialmente, os *fainomena*, as aparências! “*Ay triste vida corporal*”, teria dito tantas vezes o filósofo. Em Hegel (1770-1831) descortinamos o magno processo histórico de uma consciência que se reflete, que se indaga, que evolui.

O professor Joaquim Carlos Salgado possui duas obras fundamentais sobre o tema: **A Liberdade em Kant** e **a Justiça em Hegel**. Com maestria, oferece-nos lições seguras de como navegar nestes dois mares oceanos. Finalmente, a leitura de Karl Marx (1818-1883) é a descoberta da miséria da condição humana e o continente do Econômico – desvenda o mistério das relações entre o senhor e o escravo já descritas magistralmente por Hegel. Ai de nós! O Brasil, por sua qualidade excepcional de paciência e uma cultura formada pelo mundo da solidariedade islâmica, o conhecimento natural do indígena e a relação mágica e alegre com o cotidiano, que nos foram presenteados pela cultura africana, tem, em suas raízes ocidentais, a chave para a solução dos grandes problemas que enfrentaremos por algum tempo. Entretanto, a História, a divina mestra, é imprevisível. Compete-nos o doce consolo de exercitarmos a FANTASIA, riqueza inexaurível de nosso Espírito Imortal.